



ASPECTOS DE CONSERVAÇÃO DO SOLO A SEREM CONSIDERADOS
NA REGIÃO DOS CERRADOS¹

INTRODUÇÃO

Um dos maiores problemas para as atividades agrícolas na região dos Cerrados é o da erosão provocada por precipitações muito intensas e agravada pela exposição dos solos, na sua maioria de textura média e pouco resistente. Esse problema torna-se mais sério na medida que a necessidade de produção de alimento vem empurrando, nos últimos anos, a fronteira agrícola do País para as terras do Centro-Oeste, graças aos recursos oriundos de programas governamentais, como POLOCENTRO, PROFIR e PROVÁRZEAS.

A prática da agricultura numa região pouco conhecida, quanto às características de solo, clima e vegetação, tem agravado os problemas de erosão, principalmente porque as tecnologias desenvolvidas para resolver esse problema em outras regiões do País não apresentam a mesma eficiência em áreas de Cerrados. Apesar dessa carência de conhecimentos, a rapidez com que a região está sendo incorporada ao processo produtivo torna necessária a adoção de medidas conservacionistas para minorar os efeitos da erosão.

¹ Edição revisada.

Diante desta premente necessidade, já em 1979, representantes de todas as entidades de pesquisa da região dos Cerrados, atentas para o problema da erosão, durante a II Reunião de Pesquisa em Conservação do Solo nos Cerrados, realizada em Goiânia, de 28 a 29 de maio propuseram uma série de medidas conservacionistas que devem ser adotadas na abertura, implantação e condução de uma propriedade agrícola.

NAS ÁREAS EM ABERTURA

a) Locação das construções. Estradas, cercas, reservas, canais escoadouros, aguadas, etc... devem se locados antes de qualquer operação na área. É importante manter reservas florestais ao longo dos cursos d'água, nas nascentes e no topo dos relevos mais fortes.

b) Tamanho da área. Procurar dimensionar a área aberta de acordo com a capacidade de exploração anual (número e potência de máquinas e equipamentos), independente do tamanho total da propriedade. Dessa forma, evita-se o inconveniente de se devastar uma área muito grande, que somente alguns anos após estará totalmente ocupada.

c) Desmatamento. A época ideal é no fim da estação chuvosa, quando o solo ainda tem umidade, pois evita grandes movimentos de terra e exige menor esforço das máquinas.

d) Enleiramento. Deve ser feito em nível, seguindo espaçamentos iguais ou múltiplos dos terraços, que serão locados na área. Evitar grande arraste de terra e a eliminação das gramíneas. As leiras devem ser eliminadas no menor espaço de tempo possível.

e) Ventos. Evitar o desmatamento de grandes áreas, principalmente nas chapadas, que são sujeitas à ação dos ventos, e em locais com solos mais arenosos, intercalando-se faixas de vegetação natural ou reflorestadas.

f) Seleção de áreas. Para a locação das culturas anuais e/ou perenes, devem ser consideradas, principalmente, a declividade e a textura do solo, além da fertilidade natural.

g) Terraceamento. Faz-se necessário em áreas com declives superiores a 2% e, no caso de pendentes muito longas, tem a função principal de evitar o aumento de volume e velocidade das enxurradas.

h) Preparo do solo. Deve ser feito após a construção dos terraços para evitar o uso de cotas falsas na marcação destes, seguindo-se os terraços para fazer o preparo em nível. No preparo deve-se seguir esta seqüência: aplicação de calcário, aração, gradagem pesada, aplicação de adubo corretivo, gradagem leve e plantio. Nas operações de aração e gradagem, observar o teor de umidade do solo para evitar a excessiva formação de torrões.

NAS ÁREAS EM EXPLORAÇÃO

a) Manutenção dos terraços. Anualmente reforçar os pontos fracos, refazer os terraços rompidos, desobstruir os canais e eliminar as invasoras nos terraços.

b) Preparo do solo. Obedecer as curvas de nível, procurar variar a profundidade de aração, evitar o preparo muito cedo, principalmente, nas áreas com maior declive e solos mais suscetíveis à erosão e evitar as gradagens sucessivas para eliminação de invasoras no período de pousio.

c) Plantio em nível. Seguir as curvas de nível e efetuar o plantio o mais cedo e com a maior densidade possível, visando a maior cobertura do solo, no menor tempo.

d) Adubação e correções do solo. É importante seguir as recomendações, visando obter uma excelente população de plantas e com isso boa cobertura do solo.

e) Capinas. Evitar o excesso de capins e controlar as invasoras por manejo, como menor espaçamento da cultura.

f) Adubo verde. Tem efeito nas propriedades físicas e químicas dos solos. Pode ser usado como cultura intercalar, em rotação, ou no mesmo ano agrícola, como sucessão. As espécies mais usadas são: mucuna preta, guandu e crotalária.

g) Rotação de culturas. Procurar adotar essa prática que auxilia o controle de doenças, nematóides, insetos, erosão, esgotamento do solo.

h) Faixas de retenção. Como prática isolada pode ser usada no máximo até 4% de declive. Pode ainda ser usada como auxiliar na fixação de terraços, principalmente em solos muito arenosos. As culturas usadas podem ser forrageiras ou adubo verde.

i) Plantio direto e cultivo mínimo. Comprovadamente tem efeito acentuado no controle da erosão, porém, carece de maiores informações sobre equipamentos e controle de invasoras.

j) Restos culturais. Evitar a queima dos restos culturais e mantê-los sobre o solo até o mais próximo possível da época de plantio.

l) Controle de vossorocas. Desviar as águas, isolar as vossorocas, quando em áreas de pastagens, estabelecer uma cobertura com cultura perene de estabelecimento rápido e construir barreiras mecânicas e/ou vegetativas dentro das vossorocas.

OUTROS

a) Crédito. Uma vez que ainda não há crédito específico para conservação do solo, incluir os gastos como investimento fixo e procurar condicionar a obtenção do crédito à adoção de práticas conservacionistas.

b) Arrendamento. Procurar distribuir responsabilidade entre arrendatários e arrendador. Por exemplo, a construção dos terraços seria encargo do arrendatário e a manutenção do arrendador.

c) Irrigação. Solos acima de 2% de declive com pendentes longas devem merecer cuidados especiais para irrigação por sulcos no sentido do declive (corrugação).

PARTICIPANTES

Alan T.C. de Mendonça	-	EMGOPA
Carlos V.S. Barbo	-	EMBRAPA/UEPAE de Dourados-MS
Derli P. Santana	-	EPAMIG
Dimas V.S. Resck	-	EMBRAPA/CPAC
Edson B. Pacheco	-	EMBRAPA/CNPMS
Edson Lobato	-	EMBRAPA/CPAC
João Gaspar E. Saraiva	-	EMBRAPA/SNLCS
Raymundo M. Sobral Filho	-	EMBRAPA/SNCLS
Renato Antonio Dedecek	-	EMBRAPA/CPAC
Verner Eichler	-	EMGOPA